

A OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS ESTADUAIS PAULISTAS: O DISCURSO ESTUDANTIL CONTRA A REORGANIZAÇÃO AVALIADO A PARTIR DA PRODUÇÃO DE UM CORDEL COLETIVO

Paulo Roxo Barja¹
Cláudia Regina Lemes²

*O mundo da consciência não é criação, mas sim
elaboração humana.
Este mundo não se construi na contemplação, mas no
trabalho.*
Paulo Freire

A reorganização escolar proposta em São Paulo

Em 2015, escolas estaduais paulistas foram ocupadas por alunos em protesto contra a reorganização escolar anunciada pelo governo: “[...] Alckmin publica nesta terça decreto que oficializa reorganização escolar em SP” (ÚLTIMO SEGUNDO, 2015). A ocupação causou descontentamento nas comunidades escolares, o que ocasionou a reação por parte dos estudantes: “[...] Anúncio foi feito nesta segunda-feira (30), apesar de ocupação de 194 escolas; em reunião, braço direito de secretário diz que governo paulista “está em meio a uma guerra” com alunos” (ÚLTIMO SEGUNDO, 2015).

Além de outras reclamações sobre a proposta de reorganização das escolas, os estudantes alegaram tratar-se de uma manobra política opressora, impositiva, que ocorreu sem levar em conta as características democráticas que as decisões no âmbito de uma escola precisam ter. Esta alegação encontra respaldo na notícia de 30 de novembro de 2015, que informava sobre a publicação do decreto oficializando a reorganização e o fechamento de escolas.

O anúncio foi feito nesta segunda-feira (30) pela Secretaria Estadual da Educação, apesar de a gestão Geraldo Alckmin (PSDB) ter prometido ampliar os diálogos com a sociedade após a medida se tornar alvo de protestos de estudantes, pais, professores e movimentos sociais.

Segundo o governo paulista, 194 escolas permanecem ocupadas por alunos que são contrários à reorganização escolar, que afetará cerca de 311 mil estudantes em todo o Estado (ÚLTIMO SEGUNDO, 2015)

A falta de diálogo reclamada pelos estudantes, trouxe especialistas para o âmbito da discussão que alertaram para o peso simbólico do ato e para o sentimento de pertencimento dos estudantes e comunidade escolar, conforme expressão de pesquisadora à Carta Capital (2015)³: “A experiência da ocupação é muito forte no sentido de pertencimento. É manifestação de insatisfação, e de que outros espaços de diálogo não estão sendo possíveis. Também chama a atenção porque muitas vezes essas pautas estão escondidas no meio dos jornais. (CARTA CAPITAL, 2015)⁴

¹ UNIVAP, São José dos Campos, SP, Brasil. E-mail: barja@univap.br.

² Cláudia Regina Lemes, São José dos Campos, SP, Brasil. E-mail: claurlemes@gmail.com.

³ <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ocupar-e-dizer-eu-ocupo-porque-tambem-e-meu>> - trecho da entrevista com a socióloga Maria Virgínia de Freitas.

⁴ <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ocupar-e-dizer-eu-ocupo-porque-tambem-e-meu>> - trecho da entrevista com a socióloga: Maria Virgínia de Freitas.

Durante o embate entre governo estadual e estudantes, tanto a mídia tradicional, como as instituições e entidades públicas acompanharam os acontecimentos, divulgando as pautas do movimento:

Por essa o governador Geraldo Alckmin não esperava. Acostumado a passar por cima dos interesses da juventude quando lhe interessa, o tucano está tendo que enfrentar agora a força da Primavera Secundarista. Desde a semana passada, pelo menos 39 escolas públicas da rede estadual — no interior e na capital — já foram ocupadas por estudantes, pais e professores contra a (des)organização escolar anunciada por Alckmin. (UBES, 2015)

Além das publicações em redes sociais e na mídia alternativa apoiando o movimento, também artistas da música e outras modalidades da Arte manifestaram solidariedade à movimentação dos secundaristas.

O movimento de ocupação

Em setembro de 2015, o governo do Estado de São Paulo anunciou um plano de reorganização das escolas públicas da Rede Estadual: “estudantes, pais e professores afetados pelo plano reagiram, alegando falta de diálogo, ausência de justificativas pedagógicas e solicitando a suspensão da reorganização.” (MAZZA; SANTOS, 2015, p. 1). Esta postura governamental provocou um movimento de estudantes que teve como lema: “Não fechem a minha escola.”

O referido movimento gerou comoção social pois, como relatam Mazza e Santos (2015), era a primeira vez, neste século, que a grande mídia retratava a imagem dos estudantes de periferia como efetivamente envolvidos numa luta pela qualidade de ensino. Isso quebrava o velho paradigma, construído pelos próprios meios de comunicação e imaginário coletivo de considerar os jovens da periferia como desinteressados pelos estudos e responsáveis pelo sucateamento, violências e depredações das escolas públicas.

Os estudantes que permaneceram no interior das escolas fizeram campanhas pela melhoria da educação e cuidaram da escola: “[...] Durante as ocupações, eles acabaram realizando alguns trabalhos como pintura, limpeza e consertos de infraestrutura.” (MEON, 2015), ao mesmo tempo que buscavam atividades significativas para se ocuparem durante o processo. Para isto contaram com professores solidários que doaram aulas sobre cidadania, movimentos sociais, história e cultura, entre outros temas importantes para o momento e demanda que estavam vivendo. Em alguns casos, estes colaboradores foram porta-vozes dos estudantes que permaneceram nas unidades ocupadas, inclusive durante a noite. Foram doados alimentos e os próprios estudantes providenciaram as refeições durante o período ocupado. Também artistas da música, artes plásticas, literatura e profissionais liberais colaboraram voluntariamente com palestras e oficinas.

Por ser um movimento que ocorreu em todo Estado de São Paulo, cada unidade escolar ocupada organizou-se conforme condições específicas e cultura local. Em São José dos Campos, foram duas escolas localizadas na Região Sul da cidade. Estas escolas permaneceram ocupadas por vários dias sendo que na EE Moabe Cury o movimento iniciou-se no dia 23 de novembro de 2015: “Cerca de 70 alunos ocupam nesta segunda-feira (23) a escola Moabe Cury, no Conjunto Ema, Zona Sul de São José dos Campos, em protesto contra a reorganização promovida pelo governo estadual” (G1, 2015) e chegou ao fim em 05 de dezembro do mesmo ano: “O conselheiro tutelar Rogério Bastos foi chamado pelos estudantes para atestar que a escola foi entregue sem depredação e danos ao patrimônio. Ele visitou as salas e acompanhou

a entrega das chaves para o zelador da escola” (PEREIRA, 2015). E a EE Major Miguel foi ocupada de 19 de novembro de 2015 a 06 de dezembro de 2015.

Assim como em várias escolas do Estado de São Paulo, também em São José dos Campos, vários artistas e professores voluntariamente desenvolveram atividades diversas com os estudantes. Entre as atividades, foi realizada uma oficina de literatura de cordel.

Oficinas de Cordel durante a Ocupação Escolar em São José dos Campos

As oficinas de cordel oferecidas aos estudantes das escolas ocupadas de São José dos Campos cumpriram dois objetivos básicos: i) oferecer uma alternativa de atividade cultural; ii) fornecer aos participantes as informações básicas para a expressão textual de suas reivindicações, ampliando assim os canais expressivos do movimento.

As oficinas foram ministradas por professor universitário que desde 2008 desenvolve trabalhos em escolas e instituições sociais adotando a leitura e produção (interativa) de cordel num processo em que se preocupa tanto com a escrita da palavra, como com a reflexão sobre o mundo, como sugeriu Paulo Freire, em seus diversos trabalhos: “A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos.” (FREIRE, 1975, p. 30-31). O referido autor acrescenta que esta luta somente tem sentido quando o oprimido, ao buscar recuperar sua liberdade e humanidade, não reproduz a opressão que lhe foi imposta, mas que seja restaurador da humanidade. A grande tarefa da humanística e histórica dos oprimidos, segundo Freire (1975) é libertar a si e aos opressores. A proposta da oficina de cordel era – como foi sugerido aos estudantes - a criação literária coletiva de cordéis para debater aspectos da reorganização proposta e da própria ocupação, refletindo sobre a humanidade e liberdade a partir da criação e da linguagem artística e literária.

O processo de produção foi bastante informal: dada a falta de acesso às salas de aula da ocupação, as oficinas foram ministradas nos pátios escolares. Foi feita inicialmente uma apresentação dialogada sobre a literatura de cordel, suas origens e características. Em seguida, passava-se à leitura conjunta de trechos de cordel e, finalmente, passava-se à criação propriamente dita, que era anotada em folhas de papel e/ou flipchart. Os textos produzidos coletivamente foram reunidos posteriormente no folheto de cordel intitulado “A Poesia do Cordel na Ocupação Escolar”, disponibilizado para leitura no blog Cordéis Joseenses (2015).

As escolas ocupadas também receberam, durante o processo de ocupação, doação de cordéis para distribuição e/ou formação de cordelteca escolar.

A partir do folheto de cordel produzido, pode-se observar nos textos dos jovens a materialidade das ideias de sujeitos históricos que foram porta-vozes de um amplo discurso social. É este discurso que nos interessa analisar, sem a pretensão de esgotar a leitura de um movimento que tem múltiplas vertentes e possibilidades de construção de conhecimentos e sentidos. Os diversos argumentos e sentimentos dos estudantes contra a proposta de reorganização escolar, que originalmente implicava no fechamento de escolas e em transferências compulsórias de alunos, sem que se levasse em conta as demandas locais e a necessidade de adequação entre horários de trabalho e estudo, foram explicitados no texto. O folheto evidencia as discordâncias entre o discurso propagado pela mídia e os reais anseios expressos pelos estudantes, permitindo refletir sobre o crescente papel participativo do jovem no cenário educacional (e mesmo social) do Brasil contemporâneo:

“[...] seguimos nossa jornada/ precisamos de alegria/ e também muita união/
para nossa ocupação/ ter sucesso e serventia/ nós não queremos bagunça/

queremos dialogar/ não fechem nossas escolas/ precisamos estudar/ conservando a amizade/ junto da comunidade[...]" (CORDEÍIS JOSEENSES, 2015).

Neste trecho, explicita-se a preocupação dos estudantes em deixar claro que não queriam bagunça nem caridade. Estavam lá porque queriam ter voz ativa. Estudantes com seus discursos simples, sim, porém repletos da personalidade de sujeitos que emergiram da indignação pela falsa generosidade, como defendeu Freire (1975) que espera “[...] a mão estendida e trêmula dos esfarrapados do mundo, dos ‘condenados da terra’” (p. 32).

O discurso dos estudantes, apesar de trazer algumas contradições que marcam o indivíduo: “[...] nem totalmente livre nem totalmente assujeitado, movendo-se no espaço discursivo do Um e do Outro” (BRANDÃO, 2014, p. 85), nos desafia na busca da compreensão da fala não apenas centrada na língua, mas em recursos muitas vezes extralinguísticos. Estes recursos estiveram presentes nas condições sócio-histórica do fenômeno da ocupação escolar: nas roupas, nos comportamentos, nas idealizações presentes nas entrelinhas da fala e/ou na própria palavra oral ou escrita: “[...] um rapaz e uma menina/ por aqui se conheceram/ gostaram muito um do outro/ pintou clima e resolveram/o namora começou/ novo casal se formou/muitos se surpreenderam [...]” (CORDEÍIS JOSEENSE, 2015). Sendo a linguagem um instrumento de suporte do pensamento sabemos da sua não neutralidade ou inocência. Outrossim é um lugar privilegiados das manifestações ideológicas, de conflitos e confrontos ideológicos: “[...] estamos organizados/ fazendo esta ocupação/ tem equipe de limpeza/ e de comunicação/ segurança e convidados/ também aula por que não? [...]” (CORDEÍIS JOSEENSE, 2015).

Dos que podemos afirmar neste trabalho acerca dos registros referentes ao fenômeno da ocupação escolar possíveis de análise não se quer conclusivo. São aproximações desafiadoras de fatos ideológicos e sociais sobre a ação de estudantes de escolas públicas, filhos das camadas sociais menos favorecidas deste país, que por longa data estiveram “invisíveis” e que emergem na luta por um direito fundamental: educação. Este fato a priori não nos autoriza considerar que a alienação foi combatida. É preciso ampla e profunda reflexão sobre a condição do oprimido, as facetas do opressor e a inconclusão dos homens e da consciência humana.

Referências

FREIRE, P. **A Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**: São Paulo: Editora Unicamp, 2014

IG. Alckmin publica nesta terça texto da reorganização escolar. **Último Segundo – Educação**, São Paulo, 30, nov. 2015. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2015-11-30/alckmin-publica-nesta-terca-decreto-que-oficializa-reorganizacao-escolar-em-sp>>. Acesso em: 28, ago. 2016.

PEREIRA, A. Estudantes desocupam escolas estaduais de São José dos Campos. **Meon**, São José dos Campos, 05, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.meon.com.br/noticias/regiao/estudantes-desocupam-escolas-estaduais-de-sao-jose-dos-campos>>. Acesso em: 30. ago. 2016.

G1. Alunos ocupam segunda escola em São José em protesto contra Estado. **Globo.com Vale do Paraíba**, Vale do Paraíba e região, 23, nov. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/vale-do->

paraiba-regiao/noticia/2015/11/alunos-ocupam-segunda-escola-em-sao-jose-em-protesto-contra-estado.html>. Acesso em: 30, ago. 2016.

MATUOKA, M. "Ocupar é dizer 'eu ocupo porque também é meu'" **Carta Capital**, *on line*, 25, maio 2016. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/ocupar-e-dizer-eu-ocupo-porque-tambem-e-meu>>. Acesso em: 28, ago. 2016.

MAZZA, D.; SANTOS, M. B. "Notas sobre o movimento de ocupação em São Paulo". **Brasil Debate**, São Paulo, 16, fev. 2016. Disponível em: <<http://brasildebate.com.br/notas-sobre-o-movimento-de-ocupacao-das-escolas-estaduais-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 28, ago. 2016.

UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. " UBES convoca "Dia Nacional de Solidariedade à Ocupação de Escolas em São Paulo", **União Brasileira dos Estudantes Secundaristas**, Brasil, 17, nov. 2015. Disponível em: <<http://ubes.org.br/2015/ubes-convoca-dia-nacional-de-solidariedade-a-ocupacao-de-escolas-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 28, ago. 2016.

ALMEIDA, C. Doe uma aula em uma das escolas ocupadas em São Paulo", **Super Abril**, Brasil, 19 nov. 2015. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cultura/doe-uma-aula-em-uma-das-escolas-ocupadas-de-sao-paulo>>. Acesso em: 28, ago. 2016.